

# Sob nova direção: democracia e Transmissão do poder na posse de Lula

**Afonso de Albuquerque**

Sociólogo, mestre e doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Curso de Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF), publicou em 1999 o livro "Aqui você vê a verdade na tevê: a propaganda política na televisão", Niterói - RJ: MCII/UFF.

**Ariane Diniz Holzbach**

Mestranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF.

---

## **Resumo:**

Este trabalho pretende fazer uma análise em torno do ritual de posse como fenômeno simbólico fundamental para compreender aspectos da democracia representativa. Para tanto, usando como referência a cobertura que o jornal *O Globo* fez da primeira cerimônia de posse de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, examinaremos duas questões referentes à natureza do regime democrático, que foram nela dramatizadas: a questão da alternância do poder e o caráter popular do governo democrático. O ritual da posse do presidente constitui uma oportunidade ímpar para observar as instituições políticas a partir de novos ângulos. E a mídia, nesse contexto, tem papel fundamental ao criar interpretações e registros acerca do evento e de seus agentes.

**Palavras-Chave:** democracia, ritual político, mídia.

## **Abstract:**

*This article intends to analyze the ritual of entrance into office as a symbolic phenomenon, essential to understand some aspects of representative democracy. In order to do so, we use as a reference the news coverage made by daily paper *O Globo* of Lula's first entrance-into-office ceremony, in 2003, examining two questions that regard the nature of democratic systems, and that were dramatized in this occasion: the principle of alternation into power, and the popular character of democratic government. The president's entrance into office ritual offers a unique opportunity to observe political institutions from new angles. The media, in such context, has the crucial role of creating interpretations and registers of the event and its agents.*

**Keywords:** *democracy, political ritual, media.*

## **Resumen:**

*Este artículo pretende analizar el ritual de posesión como fenómeno simbólico fundamental para comprender aspectos de la democracia representativa. Para tanto, utilizando como referencia el noticiero publicado por el diario *O Globo* sobre la primera ceremonia de posesión de Lula como presidente, en 2003, examinaremos dos cuestiones referentes a la naturaleza del régimen democrático, que se encontraron en ella dramatizados: el principio de la alternancia en el poder y el carácter popular del gobierno democrático. El ritual de posesión del presidente es una oportunidad única para observar las instituciones políticas desde nuevos ángulos. Los media, en ese contexto, tienen el rol fundamental de crear interpretaciones y registros del evento e sus agentes.*

**Palabras-clave:** *democracia, ritual político, media.*

## Emocionados, Lula e FH se atrapalham com a faixa

“O clima de emoção e a quebra de todas as regras do protocolo marcaram ontem a passagem da faixa presidencial de Fernando Henrique Cardoso para Luiz Inácio Lula da Silva e a posse dos novos ministros. Com passos lentos e um largo sorriso, Lula subiu a rampa do Palácio do Planalto pela primeira vez sem disfarçar a emoção de estar realizando um sonho cultivado durante 13 anos. Do alto da rampa, Fernando Henrique o esperava de braços abertos. Lula mal conseguiu falar e abraçou carinhosamente o antecessor. Logo atrás, também emocionado, o chefe da Casa Civil, José Dirceu, caminhava lentamente, observando cada detalhe do momento histórico”.

O trecho acima se refere à posse de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Brasil, em primeiro de janeiro de 2003, tal como narrada pelo jornal *O Globo*. O clima afetivo destacado pelo relato do jornal não deixa de surpreender, visto que os dois estavam longe de serem aliados políticos. Ao contrário, Lula havia sido derrotado duas vezes consecutivas por Fernando Henrique Cardoso na disputa pela presidência, em 1994 e em 1998, e acabara de vencer José Serra, candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o partido do presidente nas eleições de 2002. Além disso, durante os dois mandatos de Fernando Henrique como presidente, Lula desempenhou um papel destacado na oposição, muitas vezes feroz, ao governo. Eventualmente, Fernando Henrique tem retribuído o tratamento desde que Lula se tornou o presidente. Assim, é razoável inferir que o clima cordial destacado pelo jornal na passagem da faixa se explica antes pelo sentido da ocasião – a posse de um novo presidente se configura como um ritual de exortação e de união nacional – do que pelas efetivas afinidades políticas ou pessoais entre os dois personagens em questão.

Este artigo considera a democracia sob um ângulo pouco usual, tendo em vista o modo como ela se deixa perceber nas circunstâncias muito particulares do ritual da posse presidencial. A posse do novo presidente é entendida aqui como um período liminar (TURNER, 1974), no qual as regras da política são colocadas entre parênteses. Para além das disputas que caracterizam a vida política no cotidiano, o ritual da posse celebra a (re)conciliação dos adversários políticos (mesmo que muito provisória), a transfiguração do candidato eleito pela maioria no presidente de toda a nação e, não menos importante, a alternância do poder como dimensão fundamental do sistema democrático. Esta última dimensão é a que optamos por enfatizar neste artigo. A posse do novo presidente se apresenta, assim, como uma ocasião privilegiada de enunciação de um discurso público sobre a natureza da democracia. Os meios de comunicação desempenham um papel fundamental neste processo, enquanto mediadores desta experiência para o grande público.

Deste ponto de vista, a posse de Lula em 2003 se apresentou como uma ocasião privilegiada. De algum modo pode se ver nela um coroamento do processo de redemocratização do país, após o fim do regime militar (1964-1985). Pela primeira vez desde então, um presidente eleito passava a faixa presidencial para o seu sucessor também eleito. Não obstante eleições diretas para presidente tenham ocorrido periodicamente desde 1989, a posse de Lula em 2003 foi a primeira ocasião em que a alternância do poder pôde ser representada *comme il faut*. A posse de Lula dramatiza o tema da alternância do poder também sob dois outros aspectos. Por um lado, a inédita chegada ao poder de um partido historicamente identificado como de esquerda fornecia uma evidência adicional da maturidade da democracia brasileira, entendida do ponto de vista do respeito ao direito de escolha dos cidadãos. Por outro lado, pela primeira vez um brasileiro de origem popular, metalúrgico e líder sindical chegava à presidência do país. Assim, a sua posse simboliza também uma consolidação da democracia, entendida no seu sentido clássico de “governo do povo”.

Nossa análise tem por objeto a edição especial do jornal *O Globo* sobre a posse de Lula, publicada no dia seguinte ao evento. São 21 páginas e 35 matérias totalmente relacionadas à ascensão do presidente. O material foi publicado no primeiro caderno do jornal e faz um detalhado apanhado de todas as fases do evento, incluindo os protocolos, a festa que se seguiu à cerimônia e informações sobre a vida de Lula e alguns familiares e aliados políticos. Nosso argumento se desenvolve em três etapas. A primeira delas tem em vista a importância de se considerar a dimensão ritual da vida política, entendida como uma ocasião de compartilhamento de significados acerca da democracia, tendo em vista a cerimônia da posse do novo presidente da República. Ela discute ainda o papel que os meios de comunicação desempenham neste processo na contemporaneidade. As duas outras partes se detêm especificamente sobre a posse de Lula em 2003, tal como narrada pelo jornal *O Globo*. A segunda delas se refere ao tema da alternância do poder, do modo como ele foi representado na cobertura da posse de Lula, e a terceira à representação do caráter popular da posse e do presidente e do seu significado para a democracia.

### **I. O dia da posse e a dimensão ritual da política**

A dimensão ritual tem sido pouco explorada nos estudos sobre o fenômeno político, inclusive naqueles que trabalham a sua interface com a comunicação mediada. Como regra geral, ela tem sido relegada a um plano secundário por estes estudos, considerada como um aspecto superficial da política, em oposição às questões julgadas verdadeiramente importantes, tais como as que dizem respeito ao exercício do governo, à dinâmica da competição por recursos escassos e à conquista e manutenção do poder. Argumentamos aqui tal perspectiva perde de vista alguns aspectos muito importantes do problema. Por exemplo, diversos estudiosos têm manifestado recentemente uma preocupação com relação ao declínio da legitimidade atribuída pelos cidadãos às instituições democráticas fundamentais; contudo, muito pouco se tem estudado os mecanismos através dos quais essa legitimidade política é socialmente construída. Acreditamos que as perspectivas usualmente utilizadas

na análise política, centradas na lógica do comportamento individual e/ou das instituições, não basta para dar conta da questão. Para tal, é necessário ter em vista os mecanismos de mobilização *coletiva* do conjunto dos cidadãos, os quais são em grande parte de natureza *simbólica*.

Como regra, os estudos que têm como tema os rituais políticos se referem a *outras* sociedades, tal como estudadas por antropólogos e historiadores (GEERTZ, 1980; BURKE, 1992; TURNER, 1974). É bem verdade que recentemente se desenvolveu no Brasil uma linha de pesquisa em “Antropologia da Política” que se refere à nossa própria sociedade, mas de modo geral tem havido muito pouco contato entre estas pesquisas e os estudos desenvolvidos no âmbito da Ciência Política e da Comunicação Política. Para além dela, o conceito de ritual tem se demonstrado particularmente útil para lidar com questões que dizem respeito à nação. Em sua obra clássica, Anderson (1989) definiu a nação como uma comunidade imaginada. Ela é uma *comunidade* na medida em que, independentemente de todas as hierarquias sociais existentes, se define a partir de um profundo laço horizontal e de companheirismo entre seus membros, e é *imaginada* uma vez que nem nas menores nações os cidadãos se conhecem pessoalmente. Além disso, ela é imaginada como implicitamente *limitada*, uma vez que se define por suas fronteiras com as outras nações, e como *soberana*, isto é, livre para conduzir o seu próprio destino. De acordo com Anderson, a nação ocupa em parte um lugar que no passado fora desempenhado pelas comunidades religiosas como instrumento de integração do indivíduo numa ordem mais abrangente. O autor destaca ainda a importância que a literatura e o jornal tiveram do ponto de vista da construção dessas comunidades imaginadas.

Anderson não discute de maneira aprofundada o lugar que o ritual desempenha nas comunidades nacionais, mas Hobsbawm o faz. Em seu livro *A invenção das tradições*, ele destaca que muitas práticas sociais que parecem criadas em tempos imemoriais na verdade são propositadamente inventadas – muitas vezes em épocas recentes. Elas têm algumas características comuns, como a continuidade e a inflexibilidade – mas a característica essencial é constituírem processos de formalização e ritualização que se referem ao passado, “mesmo que apenas pela imposição da repetição” (1984:12). Atualmente as tradições inventadas oferecem um sentido de identificação com a comunidade ou com instituições que a representam como, por exemplo, a nação<sup>(1)</sup>.

O ritual da posse presidencial é uma dessas tradições inventadas. Através dele, o candidato vitorioso, representante de um partido político (ou coalizão de partidos) e escolhido pela maioria dos eleitores dentre seus adversários, se transforma no representante maior de toda a nação. Neste sentido, o ritual da posse é também um ritual de celebração, de legitimação da democracia. Para os fins deste artigo não basta identificar as questões que o ritual da posse representa; é necessário identificar também os mecanismos de que ele se vale para fazê-lo. Em primeiro lugar, o ritual da posse atua através da *mobilização coletiva* dos cidadãos, que deste modo se percebem como parte de uma unidade maior, a nação; em segundo lugar, o ritual da posse possui

um caráter *performativo* (AUSTIN, 1990), ou seja, ele não apenas enuncia um tipo de discurso sobre a democracia, mas o faz através de uma encenação; em terceiro lugar, o ritual da posse instaura um momento *liminar*, de suspensão temporária da ordem estabelecida e das clivagens que a caracterizam.

Finalmente, é importante ter em vista o papel central que os meios de comunicação desempenham como intermediários do ritual da posse. Para se constituir efetivamente como um ritual democrático e de integração nacional, o ritual da posse não poderia se verificar apenas no espaço físico concreto no qual ocorre; os meios de comunicação permitem que ele tenha lugar também em um espaço público virtual, acessível ao conjunto dos cidadãos<sup>(2)</sup>. Esta experiência assume um caráter mais direto na experiência que o rádio e, principalmente, a televisão proporcionam acerca do evento (DAYAN e KATZ, 1984). O papel desempenhado pelos meios impressos não é menos importante. Ao relatarem os acontecimentos a posteriori, eles se tornam capazes de produzir uma síntese dos eventos, destacando os acontecimentos mais importantes e seu significado. Eles atuam, assim, como agentes da memória desses rituais.

Assim, acreditamos que o ritual da posse do presidente constitui uma oportunidade interessante para observar as instituições políticas a partir de novos ângulos. Nas duas partes seguintes examinaremos, a partir da cobertura que *O Globo* fez do evento, a posse de Lula, tendo em vista duas questões referentes à natureza do regime democrático, que foram nela dramatizadas: 1) a questão da alternância do poder; 2) o caráter popular do governo democrático.

## **2. Os sentidos da democracia I: A posse de Lula e a alternância do poder**

“A imagem vai ficar para a História. O abraço dado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso no recém-empossado Luiz Inácio Lula da Silva, no alto da rampa do Palácio do Planalto, foi o apogeu do processo de transição entre os dois governos”.

Não foi por acaso que o jornal *O Globo* escolheu esta cena para marcar o ponto alto da posse de Lula: pela primeira vez desde o fim do regime militar, o drama da alternância do poder pôde ser representado, no país, na sua forma mais completa, com um presidente eleito diretamente pelo povo passando a faixa para o outro. De fato, a nova democracia brasileira precisou esperar dezoito anos para testemunhar uma transição de poder desta natureza.

Na posse presidencial de 1985, havia grandes expectativas com relação à proclamação de Tancredo Neves, o primeiro presidente civil depois do fim do regime militar, não obstante o fato de ele ter sido escolhido de forma indireta. Em meio a uma grande comoção popular, todavia, Tancredo não chegou a assumir o poder, pois foi internado com fortes dores abdominais na véspera da posse, que ocorreria dia 15 de março, causando um anticlímax total. Tancredo viria a falecer cinco semanas depois. No seu lugar, tomou posse o vice-presidente eleito, José Sarney, que havia sido o presidente da Aliança

Renovadora Nacional (ARENA), o partido de situação no regime militar. O então presidente João Figueiredo não compareceu à cerimônia que punha fim ao regime militar. Em 1990, Fernando Collor de Mello, eleito pelo voto direto, tomou posse com expressiva presença popular mas, tal como Figueiredo, o presidente Sarney – que ele duramente atacou quando governador do estado de Alagoas e durante a campanha eleitoral – se recusou a comparecer à posse do seu sucessor. O mandato de Collor não chegou ao fim. Pressionado por um processo de *impeachment*, ele deixou o mandato pela porta dos fundos, em 1992. A ocasião não era de se festejar – afinal tantas esperanças depositadas pelos eleitores pareciam ter sido traídas – de modo que o seu vice Itamar Franco assumiu o cargo de modo discreto, sem os protocolos de uma posse oficial. A posse de Fernando Henrique Cardoso, em 1995, se distinguiu das anteriores na medida em que, pela primeira vez, contou com a presença do seu antecessor e, dessa forma, pôde por em prática a troca de faixas entre o presidente que deixa e aquele que assume o cargo. Contudo, Itamar Franco não fora eleito presidente; além disso, Fernando Henrique desempenhara um papel central no governo Itamar, na qualidade de ministro da Fazenda. Graças ao sucesso do Plano Real, por ele coordenado, Fernando Henrique se tornou uma espécie de Primeiro-Ministro informal do governo Itamar, e foi eleito em nome da continuidade deste projeto. Assim, o elemento da alternância do poder se viu enfraquecido nesta posse. E o foi ainda mais na posse seguinte, em 1999, quando, pela primeira vez na história do país, um presidente foi eleito por voto direto para um segundo mandato consecutivo.

Assim, pela primeira vez, a posse de Lula em 2003 conseguiu conciliar duas características bastante distintas: a alternância real de poder e uma posse civilizada e protocolar, com a presença do antecessor. Uma enorme mobilização popular teve lugar no país desde o momento em que foi constatada a vitória nas urnas e até o dia da posse. A mídia nacional mostrou comemorações nas ruas feitas pela multidão em várias partes do país. Pouco depois de constatada a vitória, no final de outubro de 2002, o *Jornal Nacional*, um dos principais telejornais do país, entrevistou Lula durante 75 minutos ao vivo, na bancada onde é apresentado o jornal – um fato inédito (MIGUEL, 2002).

Por tudo isso, não causou espanto a euforia com que o PT, o povo e a mídia trataram o evento. A cerimônia foi minuciosamente organizada pelo publicitário Duda Mendonça e, de acordo com dados divulgados pelo PT, o partido pagou todos os gastos da festa, que somaram R\$ 1,5 milhão(3). Artistas famosos como Zezé di Camargo e Luciano e Zeca Pagodinho fizeram apresentações antes da realização da cerimônia. Seis mil policiais militares, 1.500 bombeiros e 200 membros da Polícia Civil estavam a postos em diversos pontos da Esplanada dos Ministérios. Como em uma grande festa de carnaval, jornais e programas de televisão divulgaram o cronograma de atividades e informações de interesse do público, como os locais onde foram instalados banheiros e a posição dos telões que transmitiram a cerimônia e os shows. Segundo *O Globo*, cerca de 200 mil pessoas ovacionaram o novo presidente do Brasil.

Mas a importância da posse vai muito além dos números quando se

coloca em questão o ritual de passagem que o evento anuncia. A cerimônia é, ao mesmo tempo, uma estrutura de ação e de pensamento (GEERTZ, 1980) através da qual uma cultura enfatiza o poder recém-conquistado. Trata-se de um momento único, que simboliza a união nacional. O evento da posse entra no imaginário nacional como um momento privilegiado em que as disputas que regem a vida política cedem espaço ao consenso. Durante a cerimônia de posse, toda a população parece cantar no mesmo ritmo. Contudo, resumir esta cerimônia à função de produzir e manter a integração social, como faz a tradição de investigação durkheimiana, seria empobrecer a questão. Para Couldry (2003), mais do que promover valores comuns, os rituais se constituem como ocasiões para gerenciar os conflitos da sociedade. Esta perspectiva parece bastante promissora para descrever um ritual que se segue a uma disputa eleitoral.

A trégua temporária entre os adversários políticos configura o momento da posse como um momento liminar (Turner, 1974), caracterizado pela suspensão da lógica que rege a vida cotidiana e, em alguns aspectos, da sua inversão. Exemplar, neste sentido, foi o tratamento que *O Globo* dispensou à farta presença das bandeiras vermelhas e símbolos dos partidos da base de sustentação da candidatura de Lula – Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e Partido Comunista Brasileiro (PCB) – a começar pelo broche em forma de estrela vermelha exibido pelo presidente. Na matéria relativa à assinatura do termo de posse, o jornal observa: “Praticamente todas as parlamentares vestiam-se de vermelho, assim como eram vermelhas também as diversas bandeiras que apareceram durante a cerimônia”.

O foco na inversão da ordem cotidiana é particularmente útil para entender este aspecto da cerimônia. A presença de símbolos partidários em um evento destinado a marcar a posse do candidato vencedor como presidente de todos os brasileiros poderia parecer paradoxal, do ponto de vista de uma abordagem exclusivamente focada na construção do consenso: afirmar a vitória de um partido (ou coalizão) implica necessariamente ressaltar a derrota de todos os demais (bem como dos cidadãos que os apoiaram). Tal situação é certamente mais compreensível sob a ótica da negociação dos conflitos: deste ponto de vista, o destaque aos partidos na posse presidencial pode ser entendida como uma afirmação da importância da diversidade política e da alternância do poder para a democracia. O comentário simpático de *O Globo* acerca deste aspecto também pode ser mais bem compreendido à luz da dimensão da inversão da ordem presente neste tipo de ritual. Ele certamente não se explica por qualquer tipo de afinidade política do jornal com o presidente e seu partido – em que pese o movimento que o PT e o governo Lula fizeram da esquerda para o centro político. Como regra geral, *O Globo* se manteve um crítico do governo Lula antes e depois da sua posse. Provavelmente ele tem a ver com o lugar cerimonial – de mediador da experiência para um público ampliado – que o jornal assume numa circunstância tão especial.

A entrega da faixa ao presidente eleito pelo seu antecessor marca o clímax do dia da posse. Embora o gesto que efetivamente concretiza a transição de poder seja a assinatura do termo de posse pelo novo presidente, a troca de

faixas torna a mudança de poder mais visível para o público. Ao trajar a faixa, o presidente simbolicamente *incorpora* a nação. *O Globo* enfatizou esse momento, tanto na capa do jornal, como já foi descrito, como na matéria que descreve com detalhes a cerimônia. Aqui, o jornal pôde contar com um ingrediente inédito em posses anteriores: o agora ex-presidente eleito pelo povo entrega a faixa ao novo eleito. Fernando Henrique é descrito como um verdadeiro lorde: apesar de estar entregando um poder que por oito anos foi dele, está sempre sorridente e parece compartilhar da emoção que toma conta de Lula. A transmissão da faixa, ocorrida de um modo bastante civilizado, simboliza uma conciliação, não obstante temporária, entre os dois maiores grupos políticos do país, que em condições normais, não-regidas por um momento excepcional, são antagônicos.

Este momento talvez seja o ápice do consenso político que a cerimônia de posse representa. Como mostra o texto transcrito no início deste trabalho, até o maior símbolo de oposição a Lula é citado pelo jornal como incontrolavelmente satisfeito com a vitória de seu opositor e condizente com o novo poder que se instalava. Aqui, o apagamento da disputa é explícito: o político derrotado compartilha a alegria e emoção do vencedor. No decorrer do texto de página inteira (a transmissão da faixa recebeu uma única matéria, com quatro vinculadas), o texto descreve o nervosismo de Fernando Henrique, o qual, ao passar a faixa, deixou cair os óculos, e a dignidade de Lula que “apanhou os óculos do amigo, que os colocou no bolso esquerdo do paletó”. Uma das fotos que ilustram a passagem da faixa na capa concretiza esse consenso: Lula e Fernando Henrique estão abraçados e sorridentes, um encarando o outro, mas de uma forma aparentemente bastante amigável(4).

### **3. Os sentidos da democracia II: A posse de Lula e o “governo do povo”**

“Povo segue Lula e testemunha seu compromisso por mudanças”.

A manchete da primeira página de *O Globo* aponta para um segundo significado associado à posse: o seu caráter eminentemente popular. Claro, a presença popular desempenha um papel importante na legitimação de todas as cerimônias públicas, e a posse do presidente certamente não é uma exceção à regra. Contudo, no caso específico da posse de Lula, a dimensão popular tem um significado suplementar, que diz respeito às origens populares do presidente eleito.

Esta dimensão está presente com destaque na primeira página do jornal. A primeira metade da página, que compreende o espaço mais valorizado, descreve a transmissão da faixa e a presença do povo. Logo abaixo da logomarca do jornal, três fotos mostram a troca de faixa, o momento de maior peso simbólico do evento(5). No centro da página, uma foto em que Lula é carregado por uma multidão, demonstrando a forte aproximação

popular do novo presidente, e a manchete: “Povo segue Lula e testemunha seu compromisso por mudanças”. A manchete, aliás, oferece o aperitivo de boa parte do que será degustado mais à frente: a importância do povo na conquista de Lula. Um pequeno texto acompanha a foto central e discorre sobre a grande presença popular, a felicidade do presidente e o seu esforço em repetir que seu governo será totalmente diferente dos anteriores. Na parte inferior da capa, normalmente dedicada a assuntos menos importantes, fotos do desfile de Lula em carro aberto e a subida na rampa do Palácio do Planalto, ao lado do vice-presidente, José Alencar. Às ações protocolares da posse, também realizadas por outros presidentes na mesma situação, foi dedicada apenas a parte final da primeira página, e sem direito a texto explicativo. E mesmo esta região ainda conta com uma charge feita pelo chargista Chico que acentua não os protocolos, mas o povo. Ele desenhou um mapa do Brasil com Lula e dona Marisa, a primeira-dama, rodeados por várias pessoas sorridentes, aparentemente em festa. Embaixo, uma única frase: “No flagrante, o Brasil toma posse de si mesmo”.

A dimensão popular da posse foi particularmente enfatizada na descrição que *O Globo* fez da festa que permeou toda a cerimônia. Aqui, as matérias se dividem em dois grandes conjuntos: um que enfatiza a vida e felicidade de Lula e outro, mais extenso, que retrata a proximidade que ele tem com o povo brasileiro. Cerca de um terço de todos os textos se refere ao povo, à aclamação de Lula, à festa que se seguiu à posse. Logo depois de finalizadas as matérias sobre o discurso oficial, o jornal uniu duas páginas repletas de fotos descrevendo o entusiasmo do povo. Acompanhadas de um título auto-explicativo, “A praça (esplanada) é do povo”, dez fotos ilustram a multidão nas ruas, pessoas pintadas, fantasiadas, escalando o mastro do Supremo Tribunal Federal... No centro das duas páginas, uma foto grande ilustra uma multidão cercando o Rolls-Royce presidencial onde Lula aparece, pequeno, acenando para todos. Ele é o motivo de tamanha celebração, mas quem aparece mesmo são os “populares”, como o jornal os denomina. A única matéria presente nessas páginas descreve mais uma quebra de protocolo. O jornal dedicou sete parágrafos para discorrer, novamente, sobre as roupas das parlamentares. O destaque vai para Heloísa Helena, então senadora pelo PT, que pela primeira vez deixou a calça jeans e camiseta branca, sua vestimenta cotidiana em oito anos de mandato como senadora, para usar um “chamativo vestido tubinho de renda que deixava os joelhos à mostra”.

A presença popular é um tema comum a todas as cerimônias. Uma cerimônia sem presença popular é, por certo, uma cerimônia esvaziada em sua legitimidade (DAYAN e KATZ, 1983). No caso da posse de Lula, porém, essa presença é revestida de um significado suplementar, que diz respeito à profunda identidade, de origem e estilo, entre o presidente eleito e o povo(6). Por este motivo, mais do que uma testemunha, os populares se transformam em protagonistas da cerimônia. Por este motivo, a quebra das regras de segurança – “Povo fura bloqueio e enlouquece a segurança”, por exemplo – e dos protocolos cerimoniais – “Gargalhadas, palmas, aplausos e palavras de

ordem tomaram conta do plenário da Câmara dos Deputados na solenidade de posse menos solene e mais informal que já se viu ali” – não é considerada como uma ameaça à ordem estabelecida mas, ao contrário, como um *plus* de legitimidade. Menos ordem, mais povo: a cobertura da posse acentua, assim, o caráter radicalmente democrático da posse de Lula.

Outro conjunto de observações feitas pelo jornal *O Globo* diz respeito ao caráter popular do próprio presidente Lula, marcado em suas origens, trajetória e atitude. É relevante, por exemplo, o número de matérias que relatam a visita de parentes distantes de Lula, chamados pelo jornal de “República da Silva”. Uma das vinculadas que relatam a assinatura do termo de posse, no Plenário da Câmara, é dedicada aos parentes e amigos do presidente (e do vice), com vários depoimentos. No final da cobertura, uma matéria intitulada “Dia de celebridade para parentes do presidente” traz, novamente, uma porção de depoimentos de primos de Lula. Oito parágrafos descrevem ações da “Caravana da esperança”, que é como o jornal se refere ao grupo de parentes que saíram em comboio do interior do Nordeste para assistir à posse. Uma matéria, em especial, chama a atenção por caracterizar o presidente com elementos da cultura nordestina: “Choro, rabada, sertanejos e barba” é o título de uma matéria que descreve gostos pessoais do novo presidente. No lead, uma descrição que o aproxima das classes sociais mais pobres: “Ele é chorão, para desespero dos médicos adora rabada e uma cachacinha e já andou avisando: em vez de périplos pelo circuito Helena Rubinstein (Paris, Roma, Londres e Nova York), prefere viajar pelas entranhas do Brasil.”

Além da natureza nordestina e pobre de Lula, o jornal enfatiza as suas raízes de metalúrgico e sindicalista. Aparentemente, um repórter acompanhou um grupo de operários de São Bernardo do Campo, no ABC paulista – onde Lula também foi operário –, que enfrentaram 18 horas de ônibus até Brasília. O caráter popular é reforçado especialmente na descrição do comportamento do grupo: “No ônibus, o forró foi tocado à exaustão no único CD que havia por ali. Dona Zelinha, de 53 anos, puxava o arrasta-pé. – A festa neste ônibus é só o começo para o que a gente vai fazer lá em Brasília – dizia ela, faxineira do sindicato quando Lula ainda o presidia”.

Entre as matérias relacionadas ao comportamento de Lula, os temas que receberam maior cobertura foram os que dizem respeito às preferências pessoais e à mudança comportamental que ele teria sofrido nos últimos meses antes da posse. Durante toda a campanha presidencial, boa parte da mídia, onde se inclui *O Globo*, retratou um novo estilo de comportamento adotado por Lula. Diferentemente das outras três vezes em que foi candidato à presidência, dessa vez Lula estaria mais moderado, preocupando-se com o visual e adotando modos mais comedidos ao dar entrevistas e emitir opiniões. Essa nova forma de se portar do candidato recebeu até um apelido: “Lulinha paz e amor”. Após conseguir a vitória nas urnas, *O Globo* continuou reforçando essa nova imagem. Além de explicitar o novo apelido de Lula em alguns trechos, elaborou várias matérias mostrando as mudanças sofridas pelo presidente. O jornal se refere ao “novo estilo” em várias passagens, como a que segue:

“Criticado pela mudança na aparência durante a campanha – atribuída a um lance de marketing do publicitário Duda Mendonça – Lula, talvez, não esperasse fazer escola de estilo. Mas a barba grisalha e bem aparada, os ternos sóbrios (o da posse é assinado pelo estilista Ricardo Almeida) e o hábito de usar vermelho já são marcas do novo governo”.

De certo modo, a transformação de Lula de retirante e líder operário em presidente aponta para a concretização do ideal republicano da igualdade de todos os cidadãos, expresso na possibilidade de um cidadão humilde atingir, com pompa e circunstância, o cargo mais elevado da nação. Ao envergar a faixa presidencial, Lula não somente incorpora simbolicamente o lugar de fala da nação, mas também o próprio sonho democrático do poder pelo povo.

### **Conclusão**

A posse de Luis Inácio Lula da Silva como presidente do Brasil, em primeiro de janeiro de 2003, fornece a ocasião para discutirmos a importância de se considerar questões relativas à dimensão ritual da vida democrática. Os rituais constituem ocasiões privilegiadas de enunciação pública de um discurso que tem por objeto as instituições e os valores fundamentais da democracia. Desta forma, eles desempenham um papel fundamental como instrumento de construção coletiva da legitimidade das instituições. Os meios de comunicação desempenham um papel importante neste processo, na medida em que permitem que a experiência ritual tenha lugar virtualmente em todo o país. Assim, mais do que testemunhas de um evento, eles se transformam em agentes cerimoniais.

Especificamente no que se refere à posse de 2003, o nosso artigo considerou dois aspectos, tendo em vista a cobertura que o jornal *O Globo* dispensou a ela na edição do dia seguinte. Em primeiro lugar, analisamos como o tema da alternância do poder foi tematizado na posse de Lula – uma posse dotada de um significado especial, uma vez que, pela primeira vez desde o fim do regime militar, um presidente eleito pelo voto direto passava a faixa presidencial para outro. Em nossa análise, destacamos a importância de se considerar a posse como um momento liminar, no qual a lógica que rege o comportamento político cotidiano é posta entre parênteses e, para além das disputas, celebra-se o consenso. Desta forma, adversários políticos como Fernando Henrique e Lula transformam-se momentaneamente em “velhos amigos”. O ritual da posse não apenas celebra um consenso em torno dos valores unificadores da nação; ele constitui um modo retórico de administrar os conflitos políticos.

O segundo tema de que tratamos se relaciona com a caracterização do presidente empossado como um homem simples do povo, diferentemente de todos os seus antecessores. A cobertura de *O Globo* destacou não apenas a origem popular do presidente e sua trajetória – de retirante e líder operário a presidente do Brasil – mas também a efusiva participação popular na cerimônia. Ao descrever o governo Lula como uma “República da Silva”, o jornal celebra a democracia como um governo popular.

Terminada a cerimônia de posse, o país volta, pouco a pouco, ao cotidiano da *politics as usual*, na qual a lógica das disputas e dos acordos de bastidores dá o tom, e não há muito espaço para celebrar os grandes valores nacionais. O foco da cobertura jornalística retorna ao seu trilha conhecido, centrado nos acontecimentos mundanos. Nem por isso a importância dos rituais como o da posse do presidente perdem a sua importância. Ao contrário, eles constituem ocasiões privilegiadas nas quais a mobilização coletiva da nação em torno de valores compartilhados (ou pelo menos da gestão dos conflitos) fomenta uma base de legitimação sem a qual o regime democrático perderia muito do seu vigor.

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Afonso de. *“Aqui você vê a verdade na tevê”. A propaganda política na televisão*. Niterói: Edições MCII, 1999.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso Editions and NLB, 1983.

AUSTIN, John. Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BURKE, Peter. *A Fabricação do Rei – A construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

CAREY, James W. *Communication as Culture: Essays on Media and Society*. Boston: Unwin Hyman, 1989.

COULDRY, Nick. *Media Rituals: a critical approach*. New York and London: Routledge, 2003.

DAYAN, Daniel e KATZ, Elihu. *Rituels publics à l’usage privé: métamorphose télévisée d’un mariage royal*. *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Paris, 38an., n.1, p.3-20, jan./fev. 1983.

DAYAN, Daniel & KATZ, Elihu. *La télévision et la rhétorique des grandes cérémonies*. In: FERRO, M., ed. *Film et histoire*. Paris: Ed. de l’École des Hautes Études, p.83-97, 1984.

GEERTZ, Clifford. *Negara: o estado-teatro no século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1980.

HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MIGUEL, Luis Felipe. *A Eleição Visível: A Rede Globo Descobre a Política em 2002*. *Revista Dados*, v. 46. Rio de Janeiro, 2003.

RIVIÉRE, Claude. *As liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

TURNER, Victor W. *O processo ritual – estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

## Notas

1 Hobsbawm diferencia as tradições inventadas dos costumes. Estes seriam práticas sociais que podem, até certo ponto, sofrerem mudanças estruturais e têm como função principal justamente legitimar as mudanças desejadas ou a resistência à inovação.

2 Carey destaca a importância de uma abordagem cultural dos meios de comunicação, que permita entender o papel dos meios de comunicação para além da função de transmissão de informação à distância. Paralelamente a esta concepção, ele defende o desenvolvimento de uma “perspectiva ritual da comunicação”, que se relaciona à partilha do significado por um determinado grupo. Segundo o autor: “Uma perspectiva ritual da comunicação diz respeito não à extensão das mensagens no espaço, mas à manutenção de uma sociedade no tempo; não ao ato de transmitir informação, mas à representação de crenças comuns” (1989: 18).

3 É interessante observar este dado sabendo que na segunda cerimônia de posse de Lula, em 01 de janeiro de 2007, foram gastos dois terços desse montante, R\$ 1 milhão, embora apenas 10 mil pessoas acompanhassem o evento, ou seja, 5% do público presente em 2003. A cerimônia toda de 2007, aliás, difere significativamente da anterior. Não só por causa da ausência popular, mas o caráter histórico enfatizado em 2003 desaparece e a participação do PT é bastante reduzida. Fernando Henrique, que sorri ao lado de Lula na transmissão da faixa, em 2003, é um dos maiores críticos de Lula quatro anos depois. Os jornais refletem essa mudança na cobertura da segunda posse, além de analisarem criticamente o governo que terminava.

4 É digno de nota observar como as matérias constroem uma relação excessivamente cordial, quase mítica, entre Lula e Fernando Henrique. Mítica porque os dois eram adversários políticos nas duas campanhas que elegeram Fernando Henrique e opositores indiretos nessa eleição que sagrou Lula vencedor. Seu maior opositor, José Serra, é até hoje colega de partido de Fernando Henrique, pelo PSDB, e teve apoio do então presidente durante toda a campanha eleitoral. Atualmente, inclusive, essa concorrência continua, posto que Fernando Henrique é um dos mais ferrenhos críticos de Lula e de seu governo. Mas no dia da posse em questão, o jornal constrói uma relação entre os dois que, para o leitor, fica a sensação de que são amigos de longa data...

5 Não é objetivo principal deste trabalho analisar fotografias e recursos gráficos; a ênfase se dá nas matérias. Mas em certas ocasiões, como é o caso da primeira página, não há como analisar o texto isolado, posto que as fotografias cumprem um papel fundamental.

6 O tema da identidade com o povo tem sido sistematicamente trabalhado pelas sucessivas campanhas de Lula desde a eleição presidencial de 1989 (Albuquerque, 1996).